



José Murilo de
Carvalho

Trajetórias republicanas

Ao rastrear as significações semânticas das expressões modernidade e república, o autor examina sua vigência em momentos decisivos da história de Minas Gerais e na trajetória de alguns de seus principais protagonistas.



> República e modernidade são temas que possuem longa e respeitável tradição em Minas. Pode-se dizer que existe uma linguagem moderna e republicana nesta terra que tem tido porta-vozes privilegiados ao longo de sua história, desde os inconfidentes até o mais completo de todos, Juscelino Kubitschek. Este texto pretende, em caráter meramente exploratório, caracterizar essa linguagem, apontar os momentos de sua mais intensa vigência e imaginar seu futuro.

Modernidade e república

Modernidade e república são termos difíceis de se definir devido aos deslizamentos semânticos que têm sofrido ao longo da história. Aqui, serão apontadas apenas algumas de suas dimensões mais comuns. Em parte os dois conceitos se superpõem, razão pela qual às vezes falarei de uma linguagem. Mas eles também guardam especificidades que serão apontadas sempre que for o caso.

Qualquer definição de modernidade ocidental incluirá a ênfase na liberdade do indivíduo, em sua independência do Estado (cidadania) e da Igreja (secularismo), no espírito de iniciativa, no desejo de mudança ou progresso. O ambiente histórico que a gestou e que ela ajudou a gerar foi o do crescimento das cidades pós-medievais, da ciência, da indústria e da sociedade de mercado. Modernidade é característica da sociedade.¹

O conceito de república é mais controverso. República também se relaciona com liberdade, mas no sentido clássico, cunhado por Montesquieu, de liberdade dos antigos, baseada em visão holística da sociedade.² Nesse sentido clássico, ela valoriza a virtude cívica antes do interesse individual. Mas a república moderna, inaugurada pela revolução

norte-americana, aquela que marcou Minas Gerais, já incorporava a liberdade dos modernos.³ Além disso, qualquer idéia de república exige o autogoverno e a participação política dos cidadãos, direta ou por via da representação. República é, assim, característica de governo.

É complexa a relação da modernidade e da república com a igualdade. Ambas, modernidade e república, requerem a igualdade perante a lei, mas não necessariamente a igualdade real. Igualdade é antes uma característica da democracia antiga, retomada modernamente por Rousseau. Mas, pode-se dizer que uma república, certamente a república moderna, não convive bem com estamentos, nobrezas ou qualquer outra sorte de privilégios. Os próprios pais da pátria norte-americanos viam no crescimento da desigualdade social o princípio da corrupção republicana.⁴

Epifanias da linguagem

Anote-se, antes de tudo, que a linguagem republicana e moderna não é a única a se fazer ouvir nas Minas.⁵ Não há apenas uma voz de Minas, como queria Alceu Amoroso Lima.⁶ Há uma polifonia, nem sempre eufônica.⁷ A principal concorrente da linguagem republicana e moderna é a linguagem da tradição, que por muito tempo foi a única existente no Estado e se tornou o estereótipo quase caricato da mentalidade mineira. A linguagem da tradição está profundamente ligada à Minas da terra que se gestou ao longo do século XIX e atingiu o apogeu na primeira metade do século XX. É a linguagem da Minas, “do lume e do pão”, que encantou Oliveira Viana.⁸ A linguagem republicana e moderna, ao contrário, corresponde às Minas mineradoras, do ouro e do ferro, típicas do século XVIII e segunda metade do século XX.⁹

A primeira, e fundadora, epifania da linguagem moderna e republicana é a da Inconfidência. A história é conhecida. A corrida do ouro e do diamante produziu uma sociedade instável, caótica, rebelde. A mineração do ouro aluvionário e do diamante era atividade de resultado incerto e inseguro. Fortunas criavam-se e desapareciam de um dia para outro. Um córrego aurífero, um veio de ouro, uma pedra de diamante na ganga bruta, era a riqueza instantânea. O esgotamento do córrego e do veio, uma jogatina, um assalto, era a volta, também instantânea, à pobreza. Nesse contexto, a estratificação social era volátil, a mobilidade, muito grande. Escravos acumulavam pecúlio, organizavam irmandades, construíam igrejas, participavam, armados, das revoltas de senhores, fundavam quilombos. Mestiços ascendiam socialmente graças a suas habilidades mecânicas e artísticas.

Englobando todas essas características, e criando condições para a existência delas, estava o caráter urbano da capitania.¹⁰ Exagerando, mas marcando bem o fenômeno, o autor, ou autores, do *Discurso histórico e político sobre a sublevação que nas Minas houve no ano de 1720* falou na “Democracia das Minas”, onde o maior cortesão era plebe, “sendo pois todos povo”. Minas tinha características únicas dentro do império português.¹¹

A escassez de mulheres brancas dificultava a formação de famílias regulares. A norma era o concubinato com índias e africanas, escravas, libertas, ou livres.¹² A tradicional família mineira, grande, morigerada, conservadora, vista como uma instituição típica do Estado, simplesmente não existia. Para agravar a situação, a proibição da entrada de membros de ordens religiosas na capitania reduzia o efeito disciplinador da Igreja no campo dos costumes. O clero secular, presente, não era exemplo de virtudes, como se pode verificar na biografia do inconfidente padre Rolim, mulhengo, amasiado com filha de Chica da Silva,

contrabandista, acusado de assassinato. Nas Minas, “os que menos cuidam do serviço de Deus são os eclesiásticos”.¹³

Se a essas condições acrescentarmos a forte presença da máquina repressora e fiscal da metrópole, pode-se entender por que o clima político era de permanente insegurança e de freqüentes revoltas, para desespero dos governantes. Revoltavam-se os poderosos contra o governo da capitania e da metrópole, revoltavam-se escravos contra senhores, agitavam-se os índios no interior. Recorro de novo ao *Discurso histórico*: “hemos de confessar que os motins são naturais das Minas, e que é propriedade e virtude do ouro tornar inquietos e buliçosos os ânimos dos que habitam as terras onde ele se cria”.¹⁴ O ouro, continua o *Discurso*, corrompe o ar que se mete “por olhos, narizes, e bocas e por outros poros até o mais interior”, desassossegando as pessoas. Na República das Minas, andava “tudo às avessas, e fora de seu lugar”.¹⁵ A guerra dos emboabas, os motins de Pitangui, a revolta de Felipe dos Santos, a sedição de São Romão, os quilombos, a inconfidência do Curvelo, a Inconfidência de 1789 são concretizações do espírito rebelde que grassava na capitania.¹⁶

A Inconfidência continha vários traços de modernidade e republicanismo. Ninguém contestará que todas as agitações do século XVIII giravam, de uma maneira ou de outra, em torno do tema da liberdade, fosse ela a liberdade política da capitania em relação ao domínio metropolitano, fosse a liberdade civil dos indivíduos em relação ao Estado, fosse mesmo a liberdade algo selvagem dos potentados em relação à lei. Não por acaso, todas as três legendas propostas pelos inconfidentes para a bandeira de sua república incluíam a palavra liberdade: *libertas aequo spiritus*, *aut libertas aut nihil*, sugeridas por Cláudio Manoel da Costa, e *libertas quae sera tamen*, a vencedora, de Alvarenga Peixoto.

A consciência da liberdade individual não demorou a produzir rebeldia política contra a metrópole, sonhos republicanos de participação política e de autogoverno. A sociedade das Minas também colocava a prêmio a iniciativa individual, a ousadia, a disposição de correr risco. A vontade de mudança estava presente na aspiração do progresso, do desenvolvimento da ciência e da indústria, corporificadas nas propostas de criação de uma universidade e de estabelecimento de fábricas de ferro. José Álvares Maciel, o desenvolvimentista do grupo, acabou fundando, quando exilado em Angola, sua fábrica de ferro.

Eram os inconfidentes igualitários? A resposta não é fácil. É verdade que na República Florente sonhada por Tiradentes todos poderiam trajar roupa de cetim. Mas é duvidoso até onde iriam os inconfidentes nesse campo. Eles não tinham posição clara, por exemplo, diante da escravidão. Admitiam a libertação de escravos, caso o exigisse a necessidade da luta, mas a abolição da escravidão não parece ter sido um de seus projetos.

Tanto a modernidade quanto o republicanismo dos inconfidentes tinham como principal inspiração o movimento de libertação das 13 colônias da América do Norte. São abundantes nos autos, sobretudo nos depoimentos de Tiradentes e José Álvares Maciel, as referências ao exemplo norte-americano. Maciel trouxe da Europa livros sobre a independência dos Estados Unidos que entusiasmaram Tiradentes. Sua preocupação com o desenvolvimento industrial, no entanto, parece ter vindo antes da observação da experiência inglesa. A conjunção de liberdade, independência e progresso industrial, do ouro e do ferro, permite que se caracterize a Inconfidência como exemplo de americanismo, no sentido que a palavra ganhou entre nós, de contraste com o iberismo.¹⁷

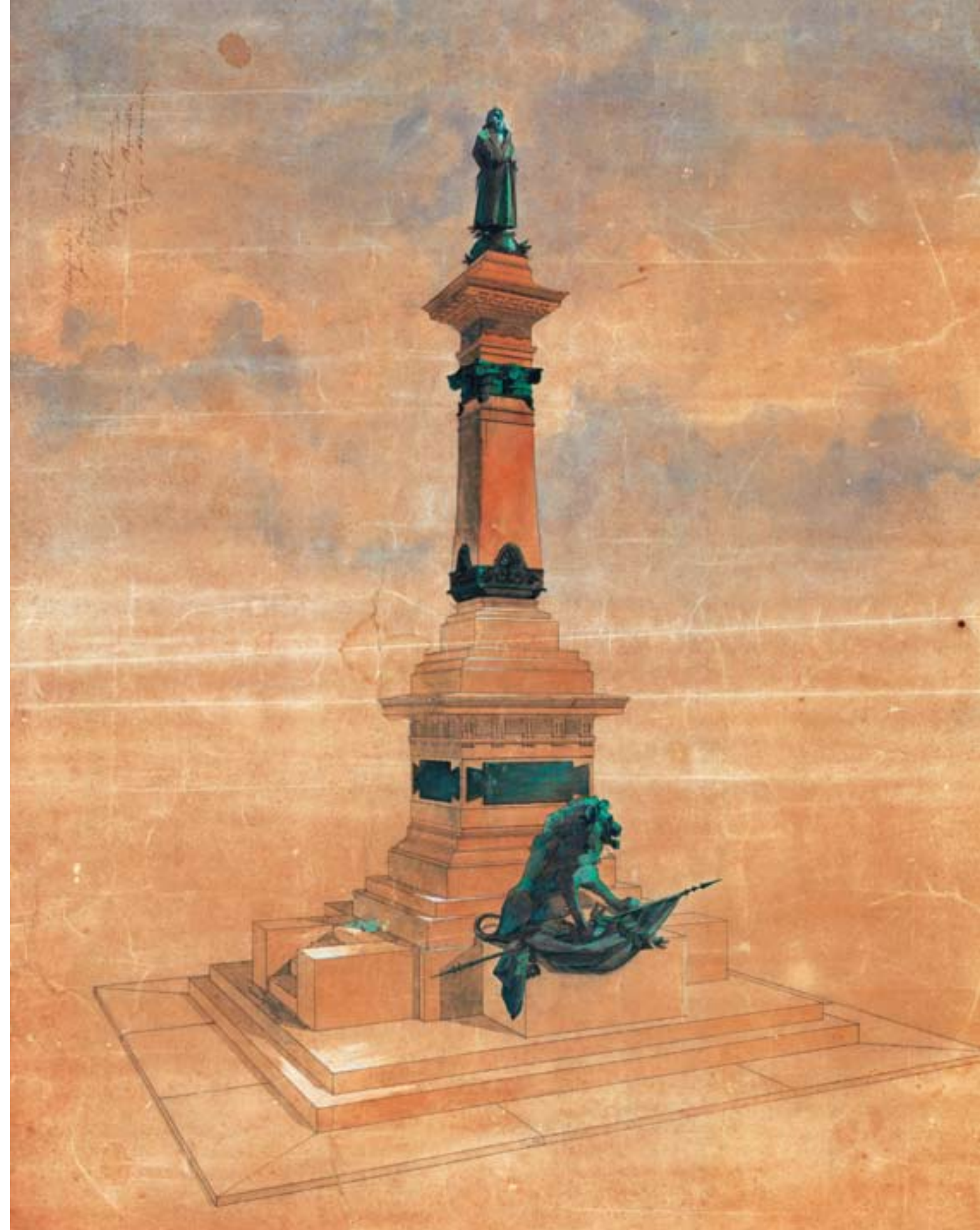
Intermezzo oitocentista

A modernidade e o republicanismo inconfidente perderam visibilidade com a decadência da mineração e a ruralização da província. Mas não desapareceram. Ao longo do século XIX, eles ressurgiram, encarnados em algumas pessoas paradigmáticas. Seu mais típico porta-voz foi sem dúvida Teófilo Benedito Ottoni. Descendente de imigrantes estabelecidos no Serro, Ottoni foi ajudante do pai na condução de tropas. Transferiu-se depois para o Rio de Janeiro, já capital do Império, onde estudou engenharia mecânica na Academia da Marinha com Joaquim José Rodrigues Torres, futuro visconde de Itaboraí. O futuro saquarema ensinava mecânica, mas também mandava ler Thomas Jefferson. Desde essa época, Ottoni tornou-se entusiasta da democracia norte-americana. Em 1830, fundou em sua cidade natal a *Sentinella do Serro*, com o fim de fazer oposição a Pedro I.

No jornal, escreveu que seu partido era o daqueles que desejavam que o Brasil imitasse a terra de Washington, que nosso povo fosse em tudo como o dos Estados Unidos. E acrescentava: “O nosso Norte é a Liberdade Americana, a liberdade da Pátria de Franklin, única que nos agrada; e pela qual sacrificaremos a própria vida, se preciso for”.¹⁸ Seria difícil encontrar mais enfática manifestação de adesão aos valores da liberdade em sua matriz norte-americana.

O percurso político de Ottoni seguiu lógica impecável. De início, ele se envolveu nas lutas liberais da Regência. Quando da abdicação de D. Pedro I, levantou a população do Serro em ação que lembrava um *town meeting* da Nova Inglaterra. Apoiou a abdicação e, em 1840, a aclamação de D. Pedro II como imperador. Em 1842, pegou em armas contra o que os liberais de Minas e de São Paulo imaginavam ser o perigo de um monopólio do poder pelos conservadores. Anistiados, os liberais voltaram ao poder em 1844. Ottoni, no entanto, desencantou-se com o governo

Virgílio Cestari. Projeto para o monumento comemorativo ao proto-mártir Tiradentes. Desenho aquarelado, 1891. 106 x 70 cm. APM - 092.



dos correligionários, que em nada alterava a política anterior. Afastou-se da política e dedicou-se aos negócios. Em 1847, criou, em parceria com um irmão e por concessão do governo mineiro, a Companhia de Navegação e Comércio do Vale do Mucuri. Tropeiro na juventude, conhecia as enormes dificuldades de transporte enfrentadas pelos mineiros no escoamento de seus produtos. A companhia pretendia ajudar a resolver o problema estabelecendo comunicação entre Minas e o litoral através do rio Mucuri.

Foi nesse sertão que, em 1852, às margens do rio de Todos os Santos, em gesto de forte simbolismo, fincou o marco de futura cidade a que deu o nome de Nova Filadélfia. O terreno lhe foi doado por dois caciques indígenas. Familiarizado com a história dos Estados Unidos, o gesto dos caciques despertou nele lembranças daquele país: “Assim começou nos Estados Unidos a ocupação da Pensilvânia. Sorriu-me a analogia, e aceitando o auspicioso fausto, tomei posse de minha Filadélfia”.¹⁹ Na Filadélfia norte-americana realizara-se também o Congresso Continental que votou a Constituição do país. Falida a empresa, Ottoni voltou à política. Aí também exibiu sua admiração pelos ianques: foi o primeiro entre nós a fazer campanha eleitoral ao estilo norte-americano, promovendo *meetings* nas ruas do Rio de Janeiro ou liderando a multidão em protestos contra a Inglaterra durante a Questão Christie.

Mais ainda do que os inconfidentes, Teófilo Ottoni exibiu traços do moderno e do republicano na vertente norte-americana: liberdade, espírito empresarial, participação política, desejo de mudança, tudo simbolizado no gesto fundador da Nova Filadélfia.

A Escola de Minas de Ouro Preto

Enquanto os mineiros abandonavam as faisqueiras esgotadas e deixavam as cidades em busca de

alternativa econômica na agricultura, enquanto aos poucos se elevava a voz da Minas da terra e se recolhia a voz da Minas do ouro, uma instituição veio lançar as raízes de nova modernidade, a do progresso pela industrialização. A Escola de Minas, embora de iniciativa do imperador, atendia à aspiração dos inconfidentes de criar fábricas de ferro na capitania. O espírito de Gorceix consistia em enfatizar o ensino técnico e a pesquisa como reação ao bacharelismo predominante, em orientar a ciência para responder às necessidades do desenvolvimento econômico, sobretudo pela exploração dos recursos minerais abundantes na província. A modernidade do ensino da Escola, na visão do próprio Gorceix, contrastava com o ensino adotado no Caraça.²⁰

A Escola introduziu em Minas e no Brasil o que mais tarde veio a ser conhecido como mentalidade desenvolvimentista. Treinados para estudar a natureza em vez de livros, a se preocuparem com as aplicações práticas de seus estudos, os ex-alunos espalharam-se por outras províncias e Estados, de onde muitos eram originários, penetraram na burocracia técnica estadual e federal, envolveram-se na criação e administração de indústrias, influenciaram a definição da política mineral do país e o desenvolvimento da exploração mineral e das indústrias de base. Em Minas, sua ação foi decisiva na reorientação da política econômica na década de 1940. Por ela passaram os modernizadores mineiros do fim do século XIX e do XX, como João Pinheiro, Israel Pinheiro, Lucas Lopes, Américo Renné Gianetti, Amaro Lanari.

Virada do século

Ao final do século XIX, já em pleno regime republicano, a bandeira da modernidade passou às mãos de João Pinheiro da Silva. Nascido no Serro, João Pinheiro mudou-se depois para Caeté, onde

montou uma olaria. Na política, foi, aos 29 anos, presidente da Minas republicana em 1889, voltou ao governo do Estado em 1906 e tinha grande probabilidade de chegar à Presidência da República não fosse a morte aos 47 anos, em 1908, quando exercia a Presidência de Minas. Antes de se formar em Direito em São Paulo, estudou dois anos na Escola de Minas, período que o marcou profundamente.

João Pinheiro foi o primeiro modernizante mineiro a chegar ao governo. Para a formação de sua mentalidade progressista, contribuiu também a formação positivista, que o levava não só a aderir à república, mas a ver o novo regime não tanto como liberdade, mas, sobretudo, como o domínio da ciência, da indústria e do progresso. Deixou sua marca em várias iniciativas. A primeira foi promover a transferência da capital de Minas para o arraial de Curral del-Rei. Foi o principal promotor da idéia quando presidente do Estado em 1890, embora não tivesse presidido a execução da transferência. A mudança alterou a composição do núcleo dirigente de Minas. O primeiro nome da capital, Cidade de Minas, teve como propósito indicar a união das várias regiões do Estado, do “mosaico mineiro”, na feliz expressão de John D. Wirth.

João Pinheiro via a nova capital como instrumento da renovação econômica de Minas Gerais. Era adepto fervoroso do progresso, a ser atingido, sobretudo, pela educação técnica, a modernização agrícola e a difusão da pequena propriedade rural. Outro marco de modernidade foi a presidência do Congresso Agrícola, Industrial e Comercial, organizado pelo governo mineiro em 1903. O congresso teve por finalidade discutir as alternativas econômicas do Estado frente à perda de dinamismo que se verificava desde 1897.²¹

Como Filadélfia, a Cidade de Minas foi concepção de pioneiros e tornou-se símbolo de modernidade nas linhas geométricas de seu traçado urbano, na forma de tabuleiro de xadrez, no cartesianismo de sua concepção, à maneira do barão de Haussmann, reformador de Paris, e de l'Enfant, planejador de Washington, e na designação de áreas específicas para indústrias. O engenheiro convidado para planejá-la e dirigir sua construção, Aarão Reis, fora aluno da Escola Politécnica do Rio de Janeiro e era um positivista não-religioso, o que significa ter absorvido da doutrina de Comte sobretudo a dimensão cientificista e a crença no progresso da humanidade.²²

Os efeitos mais visíveis da renovação trazida pela nova capital surgiram no campo intelectual, mais de vinte anos após sua fundação. Como demonstrou Helena Bomeny, o grupo de modernistas mineiros, acompanhando à sua maneira o dos paulistas, ajudou a marcar a própria modernidade literária brasileira, ao mesmo tempo que aderiu a valores universais, muito distantes do paroquialismo da Minas agrária.²³

Século XX

O último, e maior, porta-voz da linguagem moderna e republicana em Minas foi Juscelino Kubitschek. Vinha de família pobre de Diamantina, originária, pelo lado materno, de um imigrante da Boêmia. Seu tio-avô, João Nepomuceno Kubitschek, era americanófilo e republicano. Falava-se em seu ianquismo, denunciado inclusive por ter dado a dois filhos os nomes de Lincoln e Jefferson. Fundou o Clube Republicano de Diamantina, em gesto que lembrava o de Ottoni em 1831, na vizinha Serro. Foi companheiro de João Pinheiro nos anos iniciais da república, chegando a ser vice-presidente do Estado. O pai de Juscelino morreu tuberculoso aos 33 anos e a mãe teve de sustentar



Fotografia de João Pinheiro da Silva (Serro, MG, 1860 – Belo Horizonte, MG, 1908). Autoria e local desconhecidos, circa 1890. APM – JP – 3 – 026.

sozinha os dois filhos. O futuro presidente precisou trabalhar como telegrafista em Belo Horizonte para custear os estudos de medicina.²⁴

Na prefeitura da capital, revelou o espírito inquieto, inovador, aventureiro, que levaria ao extremo na Presidência da República.²⁵ Ganhou o apelido de prefeito-furacão. Abriu ruas, asfaltou, construiu prédios, promoveu as artes, sacudiu a modorra da cidade. Sobretudo, construiu a Pampulha, vitrine de modernidade, com a ajuda dos melhores arquitetos, pintores e escultores da época, enfrentando a resistência da velha Minas, encarnada, sobretudo, na figura do arcebispo D. Cabral.

A construção da Pampulha a partir do nada lembrava o gesto fundador de Teófilo Ottoni no Vale do Mucuri e o de João Pinheiro lutando pela nova capital. Afonso Arinos de Melo Franco, em depoimento registrado por Cláudio Bojunga, anota a propósito de visita que fez às obras de construção da Pampulha ciceroneado por Juscelino: “Senti, de repente, naquele homem, uma força incontida de criação. Pensei em Teófilo Ottoni e na sua aventura de Nova Filadélfia”.²⁶

Por ser história recente, não é preciso acompanhar a ação de Juscelino nos governos de Minas e do país. Note-se apenas que o estilo mineiro de introduzir o moderno pelo urbano, de utilizar o urbano como caminho para o novo e o inovador, foi levado por Juscelino para o plano nacional na aventura um tanto tresloucada da construção de Brasília, com a ajuda do ex-aluno da Escola de Minas Israel Pinheiro. Misto de sonho, utopia e temeridade, mas não sem uma boa dose de visão estratégica do desenvolvimento nacional, Brasília foi a culminação do pioneirismo que presidiu à fundação da Nova Filadélfia, da Cidade de Minas e da Pampulha.²⁷

Brasília foi complementada pelo ambicioso plano de 30 metas que abrangia praticamente todos os setores da economia nacional. O plano foi particularmente exitoso nas obras de infra-estrutura, como a construção de estradas e usinas hidrelétricas, e no desenvolvimento da indústria de base e de bens de consumo durável, sobretudo a automobilística.²⁸ Juscelino foi capaz de criar no país uma atmosfera de mudança e de crença no futuro, mais tarde registrada na memória nacional como os “Anos Dourados”.

Mais do que seus antecessores, Juscelino encarnou em Minas, e no Brasil, a linguagem da modernidade e da república. Em suas palavras e ações, podem ser encontrados todos os ingredientes das duas linguagens, a liberdade, a participação, a iniciativa individual, a valorização da mudança, do progresso, da industrialização. Indo além de João Pinheiro, ele acrescentou a tudo isso a valorização da democracia política. Respeitou o Congresso, os partidos e a imprensa, anistiu militares amotinados, lutou contra militares e políticos golpistas, recusou sugestões de prorrogação de mandato. Não admitiu o uso do autoritarismo para promover o desenvolvimento, como tinham feito Vargas no Brasil e Benedito Valadares em Minas no melhor estilo prussiano. Foi além de Milton Campos, o melhor dos udenistas, que se distinguia pela adesão à liberdade, mas tinha pouca sensibilidade para o desenvolvimento econômico.

Não se distinguiu, na linha de seus predecessores americanistas, pela ênfase na promoção da igualdade e da justiça social. Mas em seu favor deve-se dizer que foi um autêntico republicano ao se comportar sempre como um homem comum, avesso à pompa do poder. E a todas as características de modernidade e republicanismo, acrescentou uma inovação: levou o riso para os palácios, quebrou a pose majestática de seus antecessores, civis e militares, aproximou o povo do poder.

Perfil dos modernos e republicanos

Há algumas características comuns a esses modernizantes e republicanos. De início, todos são originários de cidades, mais ainda, de cidades mineradoras. É o caso de vários inconfindentes; de Ottoni, que era do Serro; de João Pinheiro, outro serrano que se mudou para Caeté; de Juscelino, que era de Diamantina. Eram de origem urbana e foram fundadores de cidades. Pioneirismo, espírito empresarial, modernidade, valorização da mudança e do progresso não podiam manifestar-se de forma mais contundente do que na criação de cidades. Nova Filadélfia, Belo Horizonte, Brasília são marcos indelévels da Minas moderna.

Outra marca comum é que provinham todos de famílias modestas, alguns, como Ottoni e Juscelino, de famílias de imigrantes. Nenhum pertencia à oligarquia rural. Além disso, alguns ficaram órfãos prematuramente. Tiradentes perdeu a mãe quando era um menino de oito anos, perdeu o pai aos 15. Juscelino ficou órfão de pai aos três anos de idade. Órfãos ou não, todos tiveram de ganhar a vida com o próprio trabalho. A experiência de se fazer por si mesmos, sem depender da proteção de famílias abastadas ou de benesses governamentais, reforçou em todos eles a valorização da iniciativa individual. Eram pobres e ganharam a vida com o esforço próprio, no melhor estilo ianque dos *self-made men*.

Uma terceira característica comum é que quase todos tinham formação técnica. Álvares Maciel estudou química e mineralogia na Inglaterra, Ottoni estudou mecânica e matemática, João Pinheiro formou-se em Direito, mas passou antes pela Escola de Minas, Juscelino era médico. Nenhum deles, à exceção parcial de João Pinheiro, integrou a tradição de formação jurídica da elite política, tanto mineira como brasileira. Nenhum deles era um bacharel preocupado em enquadrar a realidade nas leis.

Queriam mudar a realidade pela ação da política e da técnica e dentro da lei.

Um último ponto em comum é que todos foram empresários. Tiradentes foi tropeiro antes de assentar praça na Companhia de Cavalaria da Guarda dos Vice-Reis. Sabe-se também que, no Rio de Janeiro, apresentou planos ao vice-rei Luís de Vasconcelos para a canalização das águas dos rios Andaraí e Maracanã. Ottoni foi tropeiro e depois criou sua própria empresa, assim como o fizeram João Pinheiro e seu filho Israel. Juscelino, fora do governo, tornou-se também empresário. Não apenas acreditavam no esforço próprio, como o dirigiam para a atividade produtiva na iniciativa privada, longe da vocação brasileira para o funcionalismo público e para a dependência do Estado.

Minas além do moderno

Uma pergunta a se fazer ao final deste percurso é se Juscelino teria sido o último dos modernos e dos republicanos, se a utopia americana teria esgotado seu potencial inovador e inspirador de novas mudanças. A primeira reação seria responder que sim, que a modernidade se esgotou. Vários dos sonhos dos modernizantes foram realizados, mesmo que de maneira precária. Já são patrimônio de Minas e do Brasil a liberdade, a república, o regime democrático, a industrialização, o desenvolvimento. Acrescente-se a isso que o impacto da globalização no mundo dos valores, das idéias e dos comportamentos também conspira contra a probabilidade da emergência de novos sonhos.

No entanto, tão certa como a realização da modernidade e da república é a consciência de sua incompletude, sobretudo da república, e o surgimento de problemas antes insuspeitados. A incompletude



O mais antigo quadro de formandos da Escola de Minas de Ouro Preto. Técnica mista, 1894. 116 x 86 cm. Acervo do Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas da Ufop, Ouro Preto, MG.



Retrato de Claude-Henri Gorceix (Saint Denis des Murs, França, 1842 – França, 1919), fundador da Escola de Minas de Ouro Preto. Óleo sobre tela de José Pio, artista de Ouro Preto, 1993. 85 x 69 cm. Acervo do Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas da Ufop, Ouro Preto, MG.

verifica-se, sobretudo, em quatro elos fracos de nossa modernidade e de nossa república: a desigualdade social, a ineficácia do sistema representativo, a corrupção na vida pública e a deterioração da vida urbana pela violência. Os novos desafios consistem em enfrentar com eficácia esses problemas dentro da democracia e da liberdade. Nesse nada admirável mundo novo, em que a política parece perder cada vez mais sua força transformadora, mais do que nunca é necessário que surjam novas idéias e novas soluções.

Talvez não seja o caso de esperar pela gestação de novas linguagens, nem de novas utopias. Mas, sem

dúvida, haverá necessidade de se ouvirem muitas vozes, de se abrirem muitas veredas atravessando nosso grande sertão. As novas vozes talvez surjam da incorporação à sociedade política de milhões de mineiros, e de brasileiros, anteriormente excluídos. O resultado dessa mistura de vozes talvez seja cacofônico no início. Mas pode-se, quem sabe, esperar que as antigas linguagens mineiras, tanto a moderna como a da tradição, prestem ainda sua contribuição no sentido de tornar possível que da cacofonia surjam novas propostas para Minas e para o Brasil. É o desafio que se coloca perante seus cidadãos e suas lideranças.



Del Pino (Barbacena, MG, 1904 – Belo Horizonte, MG, 1976). Retrato de Juscelino Kubitschek. Pintura a óleo sobre tela, 1951. 69 x 54,5 cm. Projeto Segredo de Estado/Superintendência de Museus – Coleção Loteria do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Notas |

1. É muito vasta a literatura sobre o tema. Ver, por exemplo, NISBET, Robert. *History of the idea of progress*. New York: Basic Books, 1980; e BOBBIO, Norberto. *Liberalismo e democracia*. São Paulo: Brasiliense, 1990. Sobre liberdade, ver CONSTANT, Benjamin. *De la liberté chez les modernes: écrits politiques*. Textes présentés par Marcel Gauchet. Paris: Livre de Poche, 1980.
2. Sobre república, ver: BIGNOTTO, Newton (Org.). *Pensar a república*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002; e CARDOSO, Sérgio (Org.). *Retorno ao republicanismo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
3. A relação entre os dois tipos de liberdade e república no Brasil foi discutida por mim em “Entre a liberdade dos antigos e a dos modernos: a República no Brasil”. In: CARVALHO, José Murilo de. *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. p. 83-106. Sobre os Estados Unidos, ver APPLEBY, J. *Liberalism and republicanism in the historical imagination*. Cambridge Mass.: Harvard University Press, 1992.
4. Sobre a relação entre liberdade e igualdade, ver ainda BOBBIO. *Liberalismo e democracia*.
5. Sobre o conceito de linguagem política, ver POCOCK, J. G. *Linguagens do ideário político*. Edição organizada por Sérgio Miceli. São Paulo: Edusp, 2003, especialmente p. 63-82.
6. LIMA, Alceu Amoroso. *Voz de Minas*. Rio de Janeiro: Agir, 1945.
7. Para ênfase na diversidade de Minas e na discriminação que sofre o “mineiro da periferia”, ver a intervenção de Antonio Candido, originário do Sul de Minas, em 20 anos do SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA (1982-2002): coletânea de trabalhos. Belo Horizonte: UFMG/FACE/Cedeplar, 2002, p. 43-51.
8. OLIVEIRA VIANA. Minas do lume e do pão. *Revista do Brasil*, n. 56, p. 289-300, 1920.
9. Essa caracterização foi desenvolvida em “Ouro, terra e ferro: vozes de Minas”. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Minas e os fundamentos do Brasil moderno*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 55-78.
10. Para uma visão da modernidade mineira vinculada ao caráter urbano da capitania, ver PAULA, João Antônio de. *Raízes da modernidade em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
11. *Discurso histórico e político sobre a sublevação que nas Minas houve no ano de 1720*. Estudo crítico, estabelecimento do texto e notas de Laura de Mello e Souza. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1994. p. 102.
12. Sobre a demografia da Minas colonial, ver LUNA Francisco Vidal; COSTA, Iraci del Nero. *Minas colonial: economia e sociedade*. São Paulo: FIPE/Pioneira, 1982.
13. *Discurso histórico e político...*, p. 102.
14. *Discurso histórico e político...*, p. 60.
15. *Discurso histórico e político...*, p. 64.
16. Ver, por exemplo, MAXWELL, Kenneth. *A devassa da devassa: a Inconfidência Mineira, Brasil-Portugal, 1750-1808*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985; ANASTASIA, Carla Maria Junho. *Vassallos rebeldes: violência coletiva nas Minas na primeira metade do século XVIII*. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 1998; SOUZA, Laura de Mello e. *Norma e conflito: aspectos da história de Minas no século XVIII*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999; GUIMARÃES, Carlos Magno. *Uma negação da ordem escravista: quilombos em Minas Gerais no século XVIII*. São Paulo: Ícone, 1988.

17. Sobre iberismo e americanismo, ver VIANNA, Luis Werneck. *A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1997.

18. Desapareceram misteriosamente de bibliotecas e arquivos todos os exemplares da Sentinella do Serro. A citação foi tirada de NEVES, José Teixeira. Periódicos mineiros na Biblioteca Nacional. *Anais da Biblioteca Nacional*, v. 117, p. 305, 1997.

19. OTTONI, Teófilo. *Notícia sobre os selvagens do Mucuri*. Organização de Regina Horta Duarte. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. p. 63. Ver também ARAUJO, Valdei Lopes de (Org.). *Teófilo Ottoni e a Companhia do Mucuri: a modernidade possível*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura/Arquivo Público Mineiro, 2007.

20. Cf. CARVALHO, José Murilo de. *A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

21. Sobre o pioneirismo desenvolvimentista de João Pinheiro, ver DULCI, Otávio. João Pinheiro e as origens do desenvolvimento mineiro. In: GOMES (Org.). *Minas e os fundamentos do Brasil moderno*, p. 109-136.

22. Sobre Aarão Reis, ver SALGUEIRO, Heliana Angotti. *Engenheiro Aarão Reis: o progresso como missão*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1997.

23. Ver BOMENY, Helena. *Guardiães da razão: modernistas mineiros*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Tempo Brasileiro, 1994, especialmente cap. 2.

24. Sobre a vida de Juscelino, ver BARBOSA, Francisco de Assis. *Juscelino Kubitschek: uma revisão na política brasileira*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988; e BOJUNGA, Cláudio. *JK: o artista do impossível*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

25. Sobre a ação modernizante de Juscelino na prefeitura, ver *Juscelino, prefeito, 1940-1945*. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, Museu Histórico Abílio Barreto, 2002, sobretudo a análise de Heloisa Maria Murgel Starling, p. 31-61.

26. BOJUNGA. *JK: o artista do impossível*, p. 158.

27. Para uma crônica recente sobre a aventura da construção de Brasília, ver COUTO, Ronaldo Costa. *Brasília Kubitschek de Oliveira*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

28. Para um exame das metas, ver LAFER, Celso. *JK e o Programa de Metas (1956-1961)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. Sobre as administrações de Juscelino na prefeitura, nos governos do Estado e do país, ver BOJUNGA. *JK: o artista do impossível*.

José Murilo de Carvalho é professor titular de história do Brasil na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e autor, entre outros, de *Os bestializados* (Companhia das Letras, 1987), *A construção da ordem – Teatro das sombras* (Editora da UFRJ/Relume Dumará, 1996), *A formação das almas: o imaginário da república* (Companhia das Letras, 1990), *Pontos e bordados* (Editora UFMG, 1999) e *Cidadania no Brasil: o longo caminho* (Civilização Brasileira, 2001). É membro da Academia Brasileira de Letras.